

Contato

anaclaraandrade-
paduaa@gmail.com

1 BAMBOZZI, Lucas. *Lavra*. [Documentário]. Brasil: Trem Chic Cine Video Lab, 2022. 1h 37m. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/lavra/t/rpZR-Q5MgCh/?origemlnd=91698>. Acesso em: dezembro de 2024.

"LAVRA": UM DOCUMENTÁRIO SOBRE A MINERAÇÃO EM MINAS GERAIS¹

"Lavra": A documentary about mining in Minas Gerais

O documentário *Lavra*, produzido por Lucas Bambozzi e lançado no Festival Internacional de Documentários de Amsterdã (IDFA) em 2021, retrata a volta de Camila, geógrafa brasileira, dos Estados Unidos à sua terra natal, Governador Valadares, após o rompimento da barragem de Fundão, em Mariana, que atingiu uma série de territórios e vidas ao longo da bacia do Rio Doce, em Minas Gerais e Espírito Santo. No Brasil, a obra está disponível na plataforma de *streaming* Globoplay desde 2022.

Em suas viagens ao longo da bacia do Rio Doce e outros territórios de Minas Gerais atingidos pela mineração, Camila demonstra as profundas mudanças geradas na vida das pessoas pela fronteira minerária. Essa fronteira, como bem demonstra o documentário, produz reconfigurações sociais e territoriais extensas na América Latina, e decorre de dinâmicas globais que colocam a região como atraente para investimentos minerários desde a década de 90 (Bebbington, 2007).

Nesse sentido, a atividade minerária na América Latina e em Minas Gerais se insere num contexto econômico e político global, o qual Svampa (2013) denomina como o consenso das *commodities*. Essa inserção na economia internacional demanda desses territórios uma grande quantidade de extração e exportação de matérias-primas, dentre essas, o minério de ferro. No documentário, o consenso das *commodities* e seus inúmeros efeitos fora explicitado, para além das imagens e da voz dos interlocutores, pelo poema recitado de Carlos Drummond de Andrade:

O maior trem do mundo
Leva minha terra
Para a Alemanha
Leva minha terra
Para o Canadá
(...)
O maior trem do mundo
Transporta a coisa mínima do mundo
Meu coração itabirano
Lá vai o trem maior do mundo
Vai serpenteando, vai sumindo
E um dia, eu sei não voltará
Pois nem terra nem coração existem mais (Andrade, 2002).

No poema, Drummond denuncia a destruição que a mineração causara em sua cidade natal, Itabira, e o consequente sofrimento gerado no autor que pressente a ausência da terra e de seu

coração no futuro. O adoecimento mental e sofrimento sentido pelo interlocutor evidencia, assim como Minayo (2004), que os efeitos da atividade minerária excedem a geografia das minas e instalações das empresas. A atividade minerária, no caso tomado por Minayo (2004), isto é, em Itabira, desde o início das atividades da, à época, estatal Companhia Vale do Rio Doce, desempenhou, por meio da produção de uma ideologia da socialização, um profundo controle sobre a vida dos itabiranos e suas subjetividades.

A socióloga coloca em evidência o adoecimento mental de ex-trabalhadores do chão da mina que, em razão de serem educados "para produzir e reproduzir-se em função de uma atividade absorvente, o minerador aposentado, frequentemente, não consegue por si só descobrir outra motivação social que lhe gratifique a vida" (Minayo, 2004, p. 428). No documentário, o debate acerca da correlação entre saúde mental, ou a falta dela, e mineração também é erigido por um grupo de jovens itabiranos que questiona se o alto índice de suicídio na cidade possui relação de causa e efeito com a presença da mineração no município.

Na trajetória percorrida por Camila, as imagens gravadas e as vozes de seus interlocutores trazem à vista do espectador a outra face do progresso e do desenvolvimento anunciado pelo discurso do setor minerário. Conforme demonstra Antonelli (2009), uma das estratégias discursivas acionadas pelas mineradoras é a mobilização de um "pathos", uma retórica que instiga estrategicamente as emoções do público a quem o discurso é destinado.

Nesse contexto, a esperança de um futuro de desenvolvimento que só é possível a partir da mineração, frequentemente acionada nos discursos circulados socialmente através das mídias pelas corporações mineradoras, oblitera toda a experiência vivida nos corpos e nos territórios destruídos e expropriados pela atividade minerária. O documentário, então, nos instiga a colocar em xeque os ideais de desenvolvimento e progresso.

Após o rompimento da barragem de Fundão, a cidade de Governador Valadares ficou sem o abastecimento da água que era captada do Rio Doce. As pessoas, com isso, passaram a comprar água mineral para seu consumo. No vídeo, um vendedor de água na rua ecoa: "Olha a água, 5 reais mas vale 1.000. A Vale matou o rio" (Bambozzi, 2022).

Navegando no Rio Doce com Joelma, observamos a contaminação deste pelo rejeito, a morte dos peixes, a depredação da terra; antes fonte

de vida, agora lameada, que impossibilita Joelma plantar, colher frutos e prosseguir com as suas estratégias de vida calcadas na relação com o território. Nesse sentido, Bebbington (2007) alerta-nos para o “mito das terras vazias” que se propaga socialmente como justificativa para a expansão da atividade minerária em várias localidades. Segundo o autor, a mineração não ocorre em terras vazias, contrariamente, “ocorre em terras já ocupadas e pertencentes a terceiros, terras que têm significados culturais e históricos para seus habitantes e terras que são fonte de diversos bens naturais que sustentam as estratégias de vida dessas populações” (Bebbington, 2007, p. 24).

Assente nesta perspectiva, o documentário nos mostra os sentidos atribuídos pelos atingidos ao lugar onde viviam, plantavam, colhiam, trocavam, festejavam, cuidavam. Em Paracatu de Baixo, os destroços das casas da comunidade são retratados a partir do olhar de Seu Zezinho, nascido e criado na comunidade, que foi deslocado para o centro urbano de Mariana, repentinamente, após o rompimento. Ele continua a visitar o território de origem, destruído, em razão do profundo vínculo e esperança do retorno. Em sua conversa com Camila, Seu Zezinho diz que, quando questionado pelo seu filho sobre o futuro pós rompimento, respondeu: “Vai fazer sua casa, eu não vou levar terra pro cemitério não, a terra aqui” (Bambozzi, 2022).

Apoiado nessa fala, cabe questionar: Qual o futuro das gerações familiares de Seu Zezinho e de toda a comunidade que fora deslocada compulsoriamente e perdera a autonomia sobre o seu território, meio pelo qual produziam seus modos de vida? Os danos causados pelo rompimento da barragem de Fundão, certamente, comprometem o futuro de muitas gerações. A partir desse diálogo, fica evidente que a temporalidade dos danos do rompimento não está restrita a um curto período de tempo. Infelizmente, Seu Zezinho faleceu em 2021 sem ter o direito ao reassentamento efetivado, sem receber sua casa e sem o retorno ao seu modo de vida.

Em Conceição do Mato Dentro, município atingido pelo complexo minerário Minas-Rio, Camila conversa com Dárcilia, Fernando e Elizete, moradores da comunidade rural de Passa Sete. Fernando conta como a barragem desse empreendimento dista cerca de apenas 1,5 km de sua casa, o que significa o tempo de 1 minuto para que sua residência seja tomada pela lama caso a barragem rompa.

O terror, a insegurança e o medo do rompimento da barragem são sentidos por essa comunidade e outras, como Água Quente e São José do Jassém, localizadas à jusante da barragem do complexo Minas-Rio e que lutam pelo direito ao reassentamento em área de não risco. Esse medo é intensificado, como retrata o documentário, pela rotina traumatizante de testes de sirene a qual essas comunidades são submetidas.

Tais experiências, colocadas em evidência pelo curta-metragem, são paradigmáticas no estado de Minas Gerais, bem como na América Latina explorada, expropriada e exportada em demasia, onde a fenomenologia do progresso significa também a fenomenologia do horror (Araoz, 2020).

Ademais, o documentário traz à tona diferentes linguagens de valoração do meio ambiente, ecoadas pelos interlocutores com quem Camila troca, as quais transcendem a racionalidade econômica mercantil e a tentativa de atribuir valores monetários aos recursos ecológicos (Martinez-Alier, 2007).

A ilha em que Joelma mora e permanece lutando para a reconstrução do seu modo de vida, interrompido pelos rejeitos, é chamada por ela como “Sonho meu” (Bambozzi, 2022); o Rio Doce para o povo indígena Krenak é Watu, seu avô. Seu avô que está em coma, gerado pelo rompimento da barragem de Fundão e por quem esse povo continua zelando, conversando e sonhando junto. A comunidade de Paracatu de Baixo segue até hoje, 9 anos depois do rompimento, realizando suas festividades religiosas, como a Folia de Reis, no território de origem.

Esses sentidos são erigidos em contextos de disputas e contrastes em torno do que é entendido por natureza, espaço e recursos naturais, e caracteriza os conflitos ambientais que decorrem da luta de sujeitos sociais para concretizar suas formas de ver e interagir com o meio (Zhour, 2013). Nesse sentido, Joelma, Seu Zezinho e Ailton Krenak demonstram a profundidade do vínculo que possuem com o seu território, cujo significado sentido e ecoado não o restringe apenas a um meio de subsistência. O Território é terra, autonomia, sonho, liberdade.

O Território é fé.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. O Maior Trem do Mundo. *In*: ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

ANTONELLI, Mirta Alejandra. Minería Transnacional y Dispositivos de Intervención en la Cultura: la gestión del paradigma hegemónico de la 'minería responsable y el desarrollo sustentable'. *In*: SVAMPA, M.; ANTONELLI, M. **Minería Transnacional, Narrativas del Desarrollo y Resistencias Sociales**, 2009.

ARAOZ, Horacio Machado. Mineração: colonialismo e colonialidade. *In*: ARAOZ, Horacio Machado. **Mineração: genealogia do desastre**. São Paulo: Elefante, 2020.

BAMBOZZI, Lucas. **Lavra**. [Documentário]. Brasil: Trem Chic Cine Video Lab, 2022. 1h 37m. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/lavra/t/rpZRQ5MgCh/?origemId=91698>. Acesso em: dez. 2024.

BEBBINGTON, Anthony. Elementos para una ecología política de los movimientos sociales y el desarrollo territorial en zonas mineras. *In*: BEBBINGTON, A. **Minería, movimientos sociales y respuestas campesinas: una ecología política de transformaciones territoriales**. Lima: IEP: CEPES, p. 23-46, 2007.

MARTINEZ-ALIER, M. Ecología Política: o estudo dos conflitos ecológicos distributivos. *In*: **O Ecologismo dos Pobres**. São Paulo: Contexto, 2007.

MINAYO, Maria Cecília. O mundo da vida pela janela da mineração. *In*: MINAYO, Maria Cecília. **De Ferro e Flexíveis: marcas do Estado empresário e da privatização na subjetividade operária**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SVAMPA, Maristella. Consenso de los Commodities y lenguajes de valoración en América Latina. **Revista Nueva Sociedad**, n. 244, p. 30-46, marzo/abr. 2013.

ZHOURI, Andrea. Mapeando Desigualdades Ambientais: mineração e desregulação ambiental. *In*: ZHOURI, Andrea; VALENCIO, Norma (org.). **Formas de Matar, de Morrer e de Resistir: limites da resolução negociada de conflitos ambientais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.